XI ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié, 28 e 29 de setembro de 2026

REPERCUSSÕES DA VIVÊNCIA DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA SAÚDE MENTAL DE MULHERES

Kailane Silva Santos[1]
Laila Da Massena Silva[2]
Alana Libânia de Souza Santos[3]
Luana Moura Campos[4]
Luma Costa Pereira Peixoto[5]

Introdução

O ciclo gravídico-puerperal é caracterizado por profundas mudanças físicas e emocionais, representando uma fase de contínua adaptação psicossocial para a mulher. Nesse cenário, é essencial o acompanhamento da equipe de saúde para fornecer as orientações necessárias que promovam a autonomia e garantam o bem-estar físico e emocional. A falta de informações e apoio durante esse período pode restringir a autonomia da mulher e torná-la mais vulnerável a vivenciar situações de violência obstétrica, principalmente durante o parto, o que pode afetar sua saúde mental e aumentar o risco de sofrimento psicológico (Oliveira *et al.,* 2023).

Desde o momento da descoberta da gestação até o período puerperal, a mulher vivencia uma experiência significativa, marcada por expectativas, transformações e diferentes repercussões emocionais. No entanto, quando esse processo é permeado por práticas violentas e desrespeitosas, a experiência pode se tornar negativa, gerando sentimentos de tristeza, medo, angústia, insegurança e possíveis repercussões traumáticas. Assim, uma assistência caracterizada por episódios de violência pode impactar não apenas a percepção da mulher sobre o parto, mas também sua saúde mental e sua vivência no período puerperal (Oliveira *et al*., 2021).

[1]Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: 202211029@uesb.edu.br.
[2]Enfermeira. Graduada do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: 201920287@uesb.edu.br
[3]Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: alana.santos@uesb.edu.br
[4]Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: luana.campos@uesb.edu
[5]Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB. E-mail: luma.costa@uesb.edu.br

Assim, a assistência deve considerar a mulher como protagonista do processo de gestação, parto e nascimento, respeitando suas escolhas, oferecendo informações adequadas e garantindo sua participação nas decisões relacionadas ao próprio corpo e informações claras. A ausência desses elementos pode contribuir para experiências de desamparo e perda de autonomia, especialmente em um momento marcado por intensa vulnerabilidade emocional. (Ribeiro *et al*., 2023).

Objetivos

Compreender as repercussões da violência obstétrica na saúde mental de mulheres durante o período puerperal.

Métodos

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, realizado em uma Unidade de Saúde da Família (USF) do município de Jequié-BA. Participaram dez mulheres no período puerperal, residentes na área de abrangência da unidade e que atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos. As participantes foram identificadas com o auxílio dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) e profissionais de enfermagem e, posteriormente, convidadas a participar por meio de visita domiciliar.

A coleta de dados foi realizada mediante aplicação de formulário sociodemográfico e entrevistas semiestruturadas, gravadas com autorização das participantes e posteriormente transcritas na íntegra. As entrevistas abordaram a experiência do parto, situações percebidas como desrespeitosas ou violentas, sentimentos vivenciados durante e após o parto e possíveis repercussões dessas experiências na relação com o bebê e em futuras vivências de maternidade. Os critérios de inclusão foram puérperas cadastradas na USF selecionada, independentemente da via de nascimento, e de exclusão, aquelas não localizadas após três tentativas de contato.

Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), com categorização a posteriori. O estudo integra um projeto guarda-chuva aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, sob parecer nº 6.860.317 e CAAE nº 79246024.4.0000.0055, seguindo as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Para garantir o anonimato, as participantes foram identificadas pela letra “P”, seguida do número correspondente à ordem das entrevistas.

Para este trabalho, foram analisados especificamente os achados relacionados aos sentimentos, emoções e repercussões na saúde mental associados às vivências de violência obstétrica.

Resultados e Discussão

A análise das narrativas revelou repercussões emocionais e psicológicas associadas às experiências de violência obstétrica, sendo identificados sentimentos de medo, ansiedade, tristeza, angústia, frustração, insegurança, desamparo e sensação de invalidez. Uma das participantes relatou ter apresentado “uma crise de ansiedade muito grande” (P3), enquanto outra descreveu intenso medo e desespero durante a experiência do parto: “Eu senti muito medo, eu estava desesperada, eu não conseguia nem raciocinar, eu só achava que eu ia morrer” (P5). Esses relatos evidenciam que as situações vivenciadas durante a assistência podem ultrapassar a dimensão física e repercutir significativamente na saúde mental das mulheres.

A presença de medo e ansiedade nos relatos demonstra a importância de considerar a dimensão emocional da experiência do parto. Embora esse momento seja naturalmente acompanhado por expectativas e inseguranças, situações de desrespeito, falta de informação e ausência de acolhimento podem intensificar sentimentos negativos. Nesse sentido, a assistência

prestada pelos profissionais de saúde possui papel fundamental na construção de uma experiência segura, uma vez que a mulher necessita compreender o que está acontecendo e sentir-se amparada diante das mudanças e decisões relacionadas ao parto.

Além disso, foi observada a sensação de perda de autonomia e protagonismo durante o parto. A participante P2 relatou ter vivenciado "uma sensação de invalidez" diante da realização de uma conduta que não correspondia à sua expectativa para o nascimento. De forma semelhante, P5 relatou ter experimentado tristeza e sofrimento ao passar por uma intervenção da qual não teve compreensão nem participação, afirmando: "Eu não pude nem responder por mim mesma".

Esses resultados mostram como a falta de envolvimento nas decisões e o desrespeito à autonomia podem estar relacionados a sentimentos de incapacidade, desamparo e insegurança. A autonomia constitui um elemento essencial para uma assistência humanizada, pois permite que a mulher participe ativamente das decisões referentes ao seu corpo e ao nascimento do seu filho. Com isso, a mulher deve ser colocada no centro do processo de trabalho de parto e nascimento, recebendo informações e condições que possibilitem sua participação nas decisões relacionadas ao cuidado (Carvalho *et al*., 2025).

As repercussões emocionais também se mostraram presentes após o parto. P7 afirmou: "O sentimento é aquele de não querer novamente", evidenciando que uma experiência negativa pode repercutir na perspectiva de vivenciar uma nova gestação. Esse relato demonstra que as consequências da violência obstétrica podem ultrapassar o momento do nascimento e permanecer como uma memória significativa para a mulher. Dessa maneira, a experiência vivenciada pode interferir na forma como ela passa a compreender o parto e suas próprias possibilidades futuras de maternidade (Pereira *et al*., 2024).

Nesse contexto, estudos indicam que a violência obstétrica pode estar relacionada a diferentes formas de sofrimento psicológico, como ansiedade, medo, tristeza, culpa e estresse, além de deixar marcas emocionais duradouras na memória das mulheres. Assim, torna-se necessário compreender que os efeitos da violência obstétrica não se limitam a possíveis consequências físicas decorrentes de procedimentos ou intervenções, mas também podem atingir a autoestima, a segurança e a percepção que a mulher possui sobre sua própria capacidade (Pereira *et al*., 2024).

As narrativas também destacaram a influência da comunicação profissional sobre a experiência emocional da mulher. P5 relatou ter recebido orientações contraditórias de profissionais sobre a via de parto, situação que lhe causou grande desconforto e insegurança: "aí nisso tudo eu fiquei muito transtornada que não estava sabendo mais como é que botava força". O relato evidencia como a ausência de informações claras e a divergência entre as orientações profissionais podem aumentar a insegurança da mulher em um momento de elevada vulnerabilidade. A comunicação constitui, portanto, um importante componente da assistência obstétrica, pois possibilita que a mulher compreenda as condutas realizadas, expresse suas dúvidas e participe das decisões relacionadas ao próprio cuidado. Quando o diálogo é insuficiente, a mulher pode sentir-se excluída do processo e ter dificuldade para compreender o que está acontecendo. Dessa forma, uma assistência obstétrica humanizada e segura depende de comunicação qualificada, escuta e respeito à autonomia (Ribeiro *et al.,* 2023).

Outro aspecto relevante observado nas narrativas foi a permanência das repercussões emocionais após a experiência do parto. P3 relatou: "A dor da cesariana você leva pra casa eu sinto essa dor até hoje. Então assim, eu tive essa crise de ansiedade muito grande e não tomei remédio porque estava amamentando". O depoimento demonstra que as marcas da experiência podem permanecer no período posterior ao nascimento, sendo acompanhadas por sofrimento emocional. Nesse sentido, torna-se importante que o cuidado não seja encerrado no momento

do parto, mas contempla também o acompanhamento da mulher durante o puerpério, incluindo a identificação de sinais de sofrimento psíquico (Pereira *et al.,* 2024).

Dessa forma, os resultados mostram que as experiências de violência obstétrica repercutiram não apenas no aspecto físico, mas também nas dimensões emocional e psicológica das participantes. Os relatos evidenciaram sentimentos de medo, ansiedade, tristeza, angústia, frustração, desamparo e insegurança, além de experiências relacionadas à perda de autonomia. Também foi possível identificar que algumas repercussões permaneceram após o parto, influenciando a maneira como determinadas participantes passaram a perceber uma possível nova experiência de maternidade.

Conclusão

Os achados deste estudo evidenciaram que a vivência da violência obstétrica pode repercutir de forma significativa na saúde mental das mulheres, manifestando-se por meio de sentimentos de medo, ansiedade, tristeza, angústia, insegurança, frustração e desamparo. As narrativas também demonstraram que a ausência de acolhimento, comunicação adequada e participação nas decisões durante o parto pode comprometer a autonomia e o protagonismo feminino, contribuindo para experiências marcadas pelo sofrimento emocional.

Além disso, observou-se que as repercussões da violência obstétrica podem ultrapassar o momento do parto, permanecendo nas lembranças das mulheres e influenciando suas percepções sobre futuras experiências de maternidade. Dessa forma, ressalta-se a importância de uma assistência obstétrica humanizada, pautada na escuta qualificada, no respeito à autonomia, na comunicação efetiva e na garantia dos direitos das mulheres, de modo a contribuir para a proteção da saúde mental durante o ciclo gravídico-puerperal.

Descritores: Violência Obstétrica. Saúde Mental. Saúde da Mulher.

Referências

CARVALHO, G. J. H. *et al.* Protagonismo da mulher no seu parto humanizado. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [*s. l.*], v. 2, n. 02, p. 124–138, 2025. DOI: 10.51891/rease.v2i02.20146. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/20146. Acesso em: 18 set. 2026.

OLIVEIRA, M. D. N. *et al*. Repercussões da violência obstétrica na saúde mental de gestantes, parturientes e puérperas: revisão integrativa. **CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES**, [*s. l.*], v. 16, n. 12, p. 32013-32033, 2023.

OLIVEIRA, D. J. B. *et al.* Violência obstétrica e suas múltiplas faces: análise dos possíveis impactos na saúde da mulher. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [*s. l.*], v. 12, pág. e334101220371, 2021.

PEREIRA, M. S. *et al*. Impactos da violência obstétrica na saúde mental das puérperas do Brasil: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [*s. l.*], v. 6, n. 9, p. 2660–2676, 2024. DOI: 10.36557/2674-8169.2024v6n9p2660-2676. Disponível em: https://bjihs.emnuvens.com.br/bjihs/article/view/3636. Acesso em: 18 set. 2026.

RIBEIRO, J. P. *et al*. Aspectos implicados no protagonismo das mulheres no trabalho de parto e nascimento. **REME – Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, MG, v.27, e-1506, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/40032. Acesso em: 18 set. 2026.

Utilização da Inteligência Artificial Generativa: Não se aplica.

Eixo Temático 1: A saúde coletiva no enfrentamento da violência